

# PESCA ARTESANAL

## Da bonança ao mau tempo com escala nos BA's

POR NARCISO CASTANHEIRA

É uma delícia saborear um bom prato de peixe, confeccionado «ao gosto do freguês» como se costuma dizer.

Os habitantes da capital consomem mais a ma-

gumba, por ser mais barata e vendida em qualquer esquina para não dizer à porta de casa.

Falemos dos problemas da sua captura no mar.

Estávamos radiantes de alegria, porque acabávamos de ensaiar com êxito o nosso novo motor «Volvo Penta U22». Não era caso para menos, após muito tempo de inactividade enquanto outros pescadores faziam-se ao mar e de lá vinham com magumba «a dar com pau».

Estávamos na época mais fria do ano, em que aquele tipo de pesca obriga a longas deslocações que barcos equipados apenas com velas pouco ou nada fazem.

**Casta, vamos «funcionar» para comemorar o acontecimento e planificarmos ainda esta noite a nossa viagem para amanhã** — propôs-me o Tomás. «Funcionar» para nós significa fazer qualquer coisa de agradável. Aqui tratou-se de apanhar uns copos.

Decidimos levantar âncora no dia seguinte de manhã cedinho, rumo a Machungulo, um braço de terra que fica para além da boca do rio Maputo a que chamam de ilha. Da Costa do Sol até lá, as pequenas embarcações de pesca artesanal, equipadas com pequenos motores, levam cerca de cinco horas.

### «ESPERANÇA» LARGOU

Quatro e picos da manhã, o frio apertava. De sobretudos, calções e gorros na cabeça, Tomás, Pedro, Mateus e eu, estávamos prontos para embarcar no «Esperança», nossa embarcação com cerca de seis metros de comprimento e dois de largura. Para além do «tororo», nome pelo qual vulgarmen-

te os pescadores tratam o motor «U22», o barco estava equipado com vela e remos auxiliares. Várias redes de magumba e de bloco, faziam parte o equipamento de pesca.

Levávamos víveres, um pequeno fogão a carvão e um «colmen» cheio de gelo, porque prevíamos permanecer quatro a cinco dias no mar.

**Não te esqueceste dos cigarros Pedro?** — perguntou o Mateus, o maior fumador da nossa tripulação. O Pedro tinha-se esquecido, mas num salto estava na margem e comprou alguns maços aos candongueiros que por ali pululam como quivotas à procura de peixe.

Na margem, a expectativa era grande. Muita gente para ali afluía, uns por curiosidade e outros para



desejar boa viagem ao «Esperança». **Tenham cuidado**, diziam. Esta advertência não era por causa dos perigos naturais do mar, porque para isso o pescador está pelo menos psicologicamente preparado. É a sua vida. Referiam-se ao facto

de Machungulo estar na altura a ser vítima das atrocidades criminosas dos BA's. Quanto a isso nós já tínhamos decidido que o «Esperança» seria ao mesmo tempo nosso posto de trabalho e de residência. Pescaríamos e dormiríamos a bordo durante o tempo que permanecêssemos na zona.

#### «TORORO» FAZ ESTRILHO

Com o «tororo» a fazer inveja aos que ficavam na praia, fizémos-nos ao mar. O tempo estava bom e a maré calma, calma até demais. Era a bonança. E eu que não simpatizo nada com ondulações exageradas, vou assim para o Tomás: **Isto está porreiro**. Ele manda-me um sorriso e diz: **Não te esqueças que depois da bonança vem o mau tempo**. Não liguei muito a isso porque a rádio havia anunciado bom tempo e «nenhum aviso em contrário». A propósito de rádio, só depois de navegarmos mais de duas horas é que demos pela falta do nosso «Xirico». Que imprudência!

Atravessámos o «matlula ndjandji», o canal por onde passam os navios de e para o porto de Maputo. Os pescadores chamam-no assim porque na língua local isso significa «para além da linha férrea». Esta relação dá-se pelo facto de também na mesma língua chamar-se ao navio «xitimela xa mati», ou seja em português fielmente traduzido «comboio de água».

Foi muito depois do canal que o «tororo» começou a falhar e minutos mais tarde deixou de funcionar. Mas como na altura soprava um vento favorável, icámos a vela. Quando o sol já quase se punha no horizonte, o vento soprou com maior intensidade e a verga da vela não aguentou, partindo-se ao meio.

Resolvemos lançar as redes mesmo ali a ancorar o barco. Preparámos uma refeição e jantámos com apetite. Ao longe víamos fogueiras dispersas. Estávamos próximo de Machungulo.

Cercá da meia-noite, as redes já não boiavam, estavam submersas, sinal de que o peixe estava a malhar em grande. Para o pescador isso é uma alegria. Continuámos

na conversa e por volta das duas da manhã decidimos dormir sobre as tábuas do fundo da embarcação.

Os mosquitos picavam que se farta, mas não foi por isso que eu não conseguia apanhar sono. Os meus companheiros, mais habituados ao mar, ressonavam, sem dar importância aos imensos ruídos do mar, que para mim eram estranhos.

Mais tarde chegou a nós um ruído mesmo estranho para aquelas horas da madrugada. Tratava-se da aproximação de uma embarcação de arrasto, daquelas que atracam no cais de pesca de Maputo e que estão proibidas de circular à noite por aquelas bandas, violando uma norma punível por lei marítima.

#### «ESPERANÇA» IA AO FUNDO

As tantas, a referida embarcação vinha direitinha a nós a toda a velocidade. Entrámos em pânico. Com gestos desesperados fizemos os sinais convencionais que pareceu não entender.

Só quando estava quase por cima de nós, é que os tripulantes daquele barco pirata fizeram uma manobra que por um triz não mandou o «Esperança» ao fundo. Como se nada tivesse sucedido, o capitão pirata deu ordens para zarparem o mais rapidamente possível do local. Mas não foi possível fugir, porque na sua louca velocidade o barco não conseguiu desviar-se das nossas redes que acabaram por se enrolar na sua hélice, imobilizando-a. Mesmo no meio dessa aflicção toda não perdemos o sentido de humor e comentámos, **as nossas redes são tão boas que até os arrastões também nelas malham**.

O tempo que os marinheiros do arrastão levaram para mergulhar e retirar as redes da hélice, foi suficiente para identificarmos a embarcação. Isso permitiu-nos, mais tarde, levantar um processo judicial contra a sua tripulação, que saiu a nosso favor.

Apesar do incidente que nos deu cabo da maior parte das redes, as que conseguimos recuperar tinham malhado bem. O suficiente para enchermos o «colmen» de magumbas grandes. O mal veio

por bem. Isto é, até àquele momento.

Quando o dia clareou por completo, reparámos que estávamos muito próximos da margem, para cá da boca do rio Maputo. Decidimos ir até lá para repararmos o motor e depois regressar para casa.

## ENCONTRO COM BA's

Ao nos aproximarmos daquela bonita praia apercebemo-nos de um movimento estranho de pessoas. Muita gente mesmo. Mas conforme íamos chegando, desapareceram. A cautela, não desembarcámos logo. Fomos remando ao longo da margem. Vimos muitos cabritos por entre a pequena mata, o que achámos ainda mais estranho. Não eram gazelas, nem outro antílope qualquer. Eram cabritos domésticos às centenas.

De repente, vimos alguém que tentava disfarçar a sua presença por detrás de uma colina de areia. Acenámos duas, três ou mais vezes, sem resposta. De repente, um jovem de cerca de 18 anos saiu da mata e veio direito a nós. Parou a alguns metros e pediu para que lhe vendêssemos peixe. Dissémos-lhe que não vendíamos e que se quisesse algum que fosse buscar um recipiente para lhe oferecermos.

Saíu a correr de novo para a mata ao mesmo tempo que de lá saía um homem de cerca de 40 anos, bem trajado, com um sobretudo novo. Não pediu licença, meteu-se a bordo do «Esperança» e com palavras e gestos muito rápidos, disse-nos que na noite anterior os bandidos armados atacaram não sei aonde e que tiveram de fugir para ali. Que eram também pescadores e mais não sei quê.

Quer dizer, aquele homem não sabia bem o que estava ou queria dizer. Contradizia-se a todo o momento e sempre à espera da nossa reacção. Como se tivéssemos combinado, ficámos de boca fechada. Vendo que isso não dava resultado, optou por pedir que lhe vendêssemos peixe ao mesmo tempo que retirava do bolso um grande maço de notas de mil meticais entre outras tantas de randes.

Foi aí que lhe dissémos que não vendíamos peixe a pescadores. O mais estranho é que sendo eles pescadores porque é que não pescavam se tinham ali vários barcos ancorados e prontos para a faina? E depois o homem expressava-se num changane muito puro, o que não é normal naquela zona onde se fala «chindindinde».

A nossa desconfiança aumentou quando um terceiro homem surgiu da mata, mal vestido, cabelos grandes e despenteados, munido de uma grande catana. Este, a um sinal do homem que estava junto de nós, retornou à mata. Que alívio!

Depois de o tal jovem ter vindo encher uma lata com peixe, o homem disse muito obrigado num bom português e recomendou: **Ponham-se a andar daqui o mais depressa possível porque se os bandidos vos, apanham aqui matam-vos e se a Frelimo chega também faz o mesmo.**

Não nos fizémos de rogados. Virámos a proa do «Esperança» para o mar e remámos com quanta força tínhamos. Duzentos metros depois, placámos no fundo da embarcação, para evitar que as balas que silvavam sobre as nossas cabeças nos atingissem. O «Esperança» estava a ser metralhado. De repente as rajadas cessaram, e quando levantámos as cabeças e olhámos para a praia, um grupo de homens fugia em debandada. Até hoje não cheguei a saber o que aconteceu. Só sei que escapámos dos BA's por um triz!

## FORCOSAMENTE PARA CHINHAMBANINE

Refeitos já de todas aquelas emoções, começámos a pensar o que deveríamos fazer sem o motor a funcionar, e sem outro meio senão os remos. E vinha aí o mau tempo.

Como primeira alternativa, pegámos num dos remos e improvisámos uma verga para substituir a que estava partida. Deu resultado e fomos navegando.

Já muito próximo do canal, até se avistava o Clube Naval em silhueta, começámos a levar porrada de lado. As vagas eram enormes e de minuto em minuto uma

maior aparecia ameaçando virar o barco. Estávamos de novo em perigo. O «Esperança» quase que não dava um passo. Saltava como um cavalo e eu tremia que nem varas verdes. Trazíamos coletes salva-vidas a bordo, mas ninguém naquele momento pensou em fazer uso deles.

**Isto não é nada, não te preocupes**, dizia-me o Tomás para me acalmar, notando que estava aflito. E quem não estava ou não estaria? Estava tudo à rasca, porque a dada altura eu viro-me para o Pedro e digo: **Apanhar porrada de traz ou de frente é sempre melhor, não acha? Então vire-me esse leme para a entrada do porto de Maputo e que se lixe a Costa do Sol.** A resposta foi pronta: **OK.**

Duas horas depois nevegávamos com segurança nas escuras águas junto à Capitania do Porto de Maputo. E aquela perigosa aventura foi acabar no Chinhambanine, na zona onde atacam também em grande número as pequenas embarcações de pesca artesanal, na época fria.

Depois das formalidades necessárias com as autoridades locais, fomos imediatamente «funcionar», juntamente com outros pescadores que também para ali tinham ido como «refugiados» e outros que normalmente habitam na zona. Durante o festim, ao contarmos o que se passara perto da boca de Maputo, um dos pescadores levou as mãos à cabeça e disse: **Escaparam com muita sorte meus filhos. O tal homem com quem vocês falaram não trazia uma cicatriz grande na testa? (afirmativo). Então esse é o chefe dos bandidos armados que actuam naquela zona. Foi ele quem matou há duas semanas o nosso patrão. Estávamos com ele quando isso aconteceu.**

E disse cá para os meus botões: **Não ponho mais os pés num barco de pesca.** Mas era apenas um desabafo, porque dois dias depois voltámos ao mar.

N. R. — Narciso Castanheira, depois de se desligar do jornalismo, dedicou-se à pesca na baía de Maputo e em Macaneta. Prometeu oferecer aos leitores da «Tempo» as suas aventuras marítimas. Aguardamos as próximas crónicas.